



CONTRIBUIÇÕES DO ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Laíza Aparecida de Lima Mendonça (UFLA)
laizamg@hotmail.com

Valter Pereira Romano (UFSC)
valter.pereira.romano@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, visa-se propor reflexões sobre as contribuições de atlas linguísticos para o ensino de língua materna nas aulas de Língua Portuguesa. Para isso, examinam-se duas cartas linguísticas lexicais, a carta 1: Arco Íris e a carta 30: Bolinha de Gude, do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG - (RIBEIRO, et al., 1977), com o intento de desenvolver atividades didáticas para o alunado do ensino fundamental II. Dessa forma, a pesquisa fundamenta-se no aporte teórico da Dialetoologia e da Geolinguística (ALKIMIM 2009), (BRANDÃO, 1991), (CARDOSO, 2010), (COSERIU 1987), (PAIM 2016), (ROMANO 2013), (SILVA NETO1957), (VIEIRA 1999), (ZÁGARI 2013 [1998; 2005]). Espera-se com este estudo contribuir com os estudos sobre as variações linguísticas em sala de aula no ensino básico, sobretudo, as de ordem diatópica, por meio de atividades que levem o aluno a refletir sobre preconceitos e estereótipos linguísticos e sobre a diversidade linguística existente em Minas Gerais. Assim sendo, além de discutir sobre a relevância dos atlas linguísticos para o conhecimento e para a descrição da multiplicidade de falares do Brasil, em particular, os falares de Minas Gerais, discute-se a contribuição desses estudos para o ensino da variação diatópica nas aulas de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Atlas linguísticos; Ensino de Língua portuguesa.

ABSTRACT: In this article, we aim to propose reflections on the contributions of linguistic atlases to the teaching of mother tongue in Portuguese language classes. For that, two lexical linguistic maps are examined, map 1: Arco Íris (rainbow) and map 30: Bolinha de Gude (marbles) from the Draft of a Linguistic Atlas of Minas Gerais - EALMG - (RIBEIRO, et al., 1977), to develop didactic activities for the students of elementary school II. Thus, the research is based on the theoretical contribution of Dialectology and Geolinguistics (ALKIMIM 2009), (BRANDÃO, 1991), (CARDOSO, 2010), (COSERIU 1987), (PAIM 2016), (ROMANO 2013), (SILVA NETO1957), (VIEIRA 1999), (ZÁGARI 2013 [1998; 2005]). This study is expected to contribute to studies on linguistic variations in the classroom, especially diatopic ones, through activities that lead students to reflect on prejudices and linguistic stereotypes and linguistic diversity in Minas Gerais. Therefore, beyond discussing the relevance of linguistic atlases for the knowledge and description of the multiplicity of speeches from Brazil, in particular, those from Minas Gerais. The contribution of these studies to the teaching of diatopic variation in Portuguese language classes is discussed.

KEYWORDS: Linguistic variation; Linguistic atlases; Portuguese Language Teaching.



Introdução

O processo de colonização do território ocasionou uma diversidade de línguas instauradas no Brasil, pois além das línguas autóctones dos indígenas que aqui viviam à época do descobrimento, incluíram-se as línguas de outros povos no processo de ocupação, como é o caso dos portugueses. Para além dos portugueses, outros povos também vieram em momentos distintos, tais como espanhóis, italianos, alemães, entre outros. Soma-se a esse “tabuleiro linguístico-cultural” a numerosa população escrava advinda da África. Logo, foi da fusão desses diferentes tipos humanos que surgiu “povo brasileiro” (RIBEIRO, 2006).

A língua enquanto fenômeno cultural carrega características desses diferentes povos, facilmente identificável, pois, “ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal- seu idioleto-, mas também filiá-lo a um determinado grupo.” (BRANDÃO, 1991, p.6). Além disso, é por meio dos falares dos indivíduos que se reconhecem peculiaridades, como, por exemplo, a região de origem e o grupo social a qual pertencem.

O conhecimento da heterogeneidade linguística do Português do Brasil (PB) deu-se pelos impulsos propiciados por estudos na área da Dialetologia e da Sociolinguística. Este artigo encarrega-se de elencar as contribuições de cunho dialetológico, enquanto relevantes para o conhecimento das variações linguísticas e para possíveis discussões ao ensino de língua materna nas aulas de Língua Portuguesa (LP) na educação básica. Assim, apoia-se em uma das metodologias dos estudos dialetais, a Geografia Linguística, com o intento de propiciar discussões de variações diatópicas em sala de aula. Para tanto, buscou-se desenvolver uma sequência de atividades didáticas abrangendo cartas lexicais do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais-EALMG (RIBEIRO, et al., 1977).

Nas seções deste artigo, desenvolvem-se os seguintes tópicos: seção 1 A Geografia Linguística: os atlas linguísticos; seção 2-O Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais; seção 3- A Dialetologia e o ensino de Língua Portuguesa (LP) na escola



básica; e seção 4- O EALMG na sala de aula: cartas linguísticas; e seção 5- Considerações finais.

1. A Geografia Linguística: os atlas linguísticos

Silva Neto (1957) postula que o desenvolvimento dos estudos dialetais iniciou-se por volta do século XIX, com os impulsos de trabalhos realizados por Jules Gilliéron na urgência de se estudar os *patois* franceses. A relevância dos trabalhos de Gilliéron deve-se à ênfase dada no registro dos estudos dos falares da França dos fins do século XIX a partir de uma recolha de dados que seguiu uma metodologia homogênea. Ainda mais, o estudioso reforçou que a recolha dos falares necessitava ser realizada rapidamente, antes que as forças padronizadoras da urbanização levasse à extinção formas e expressões linguísticas dos falares locais e rurais. Assim, Gilliéron, juntamente com Edmont Edmont, empenharam-se em elaborar o *Atlas linguistique de la France* (ALF), publicado em 1909, sendo o primeiro atlas linguístico reconhecido como o marco dos estudos de natureza geolinguística, sobretudo, pela metodologia consistente empregada na pesquisa.

Os estudos dialetais prosperaram-se a partir de um método nomeado, inicialmente, como Geografia Linguística (Geolinguística). Para Coseriu (1987), essa metodologia de estudos é comparativa e possibilita que conjuntos de formas linguísticas possam ser registrados, abrangendo formas de níveis fônicos, lexicais e gramaticais. Não obstante a isso, o conjunto desses materiais, as cartas linguísticas, constitui os denominados atlas linguísticos. Mais diretamente, pode-se dizer que “os atlas linguísticos são reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente. Cada carta apresenta um instantâneo dialetal da área explorada [...]” (SILVA NETO, 1957, p. 37).

Portanto, distinguem-se os atlas linguísticos dos atlas geográficos comuns também porque não contêm mapas de vários territórios, mas uma série de mapas do mesmo território, e precisamente um mapa para cada conceito ou para cada fonema (ou série de fonemas) cuja



expressão ou cuja realização concreta tenha sido comprovada pelo investigador numa rede de pontos (localidades) previamente estabelecida [...] Em outras palavras, os atlas linguísticos são coleções cartográficas de material linguístico. (COSERIU, 1987, p. 82-83)

Brandão (1991) salienta que, no Brasil, os estudos dialetológicos desenvolveram-se com as contribuições de estudiosos como Amadeu Amaral, considerado como o primeiro dialetólogo brasileiro e o primeiro a se propor um estudo sobre a variedade falada em São Paulo no livro *O dialeto caipira* (1920); seguido por Antenor Nascentes com a obra *O linguajar carioca* (1922). Ademais, mostra-se relevante os apontamentos de Silva Neto e Celso Cunha que no 2º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros (1957 e 1959) que à época já destacaram a inadiável tarefa de se propor estudos dialetológicos no Brasil.

Nas proposições para o desenvolvimento desses estudos, Silva Neto (1957) frisara a importância de se estruturar uma “mentalidade dialetológica” para o progresso dessa área, delimitando urgências para a frutificação dessas pesquisas no país, tais como, a indispensabilidade de um centro coordenador; equipes competentes; difusão de métodos dessa área para recolha rígida com técnicas próprias; trabalhos publicados; realização de atlas regionais e atlas nacionais, guiados por questionários uniformes. Mas a Geolinguística no Brasil não se desenvolveu inicialmente com a efetivação de um atlas nacional, mas sim a partir de atlas estaduais/regionais, sendo o primeiro deles o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, de Nelson Rossi (1963) e suas colaboradoras, o qual registra os falares rurais da Bahia em 154 cartas, abarcando dois informantes por localidade. Dando continuidade à rede de pontos do APFB encontra-se o *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)* (FERREIRA et al., 1987), que, segundo Brandão (1991), diferentemente do APFB, o ALS apresentou como informantes um homem e uma mulher por localidade de forma sistemática.

Mas o segundo atlas linguístico publicado em ordem cronológica, de fato, é o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)* (RIBEIRO et al., 1977), cujo primeiro e único volume foi publicado em 1977, embora os idealizadores planejassem a elaboração de quatro volumes. O atlas foi elaborado com as



contribuições de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio, os quais apresentaram a proposta ao Conselho da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Cardoso (2010) postula que atualmente os trabalhos dialetais que se desenvolvem divergem-se daqueles da dialetologia tradicional que priorizavam apenas a perspectiva diatópica, por exemplo, o ALF (GILLIÉRON; EDMONT, 1909) e o EALMG (RIBEIRO et al., 1977), tendo em consideração que hoje áreas como a Sociolinguística e os aspectos sociais elencados por seus estudos acompanham a metodologia dos estudos da Geolinguística. Assim, com os avanços de estudos sociolinguísticos, há preocupações com questões de cunho social que perpassam o perfil dos informantes tais como idade e escolaridade, por exemplo, caminhando para uma Dialetoologia Pluridimensional (THUN, 1998). Os atlas linguísticos, de um modo geral, são eficientes para compreender que a língua é permeada por variações, retratadas nas cartas linguísticas constituindo-se como materiais de suma importância para que se possa compreender a heterogeneidade, sobretudo, geográfica dos falares.

2 O Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais

Além da relevância do trabalho de Teixeira (1938) como umas das obras inaugurais da Dialetoologia brasileira, pode-se destacar a relevância do EALMG para o conhecimento da realidade linguística do PB, em particular, o de Minas Gerais. A obra, de autoria de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio, dispõe-se de uma única publicação dos quatro volumes almejados pelos autores, com data de publicação em 1977. Em síntese, o material contempla as seguintes divisões: “Metodologia”; “Localidades”; “As cartas” e “Glossário de ambos os campos semânticos”. Destaca-se que em relação à metodologia, a pesquisa aconteceu *in loco*, abarcando 116 municípios de MG, explorando “os grandes centros (universidade, arcebispado); os centros médios (ensino médio, bispado); os pequenos (escola, paróquia) e; os vilarejos (simples escolas rurais)” (RIBEIRO, et al., 1977, p. 29).

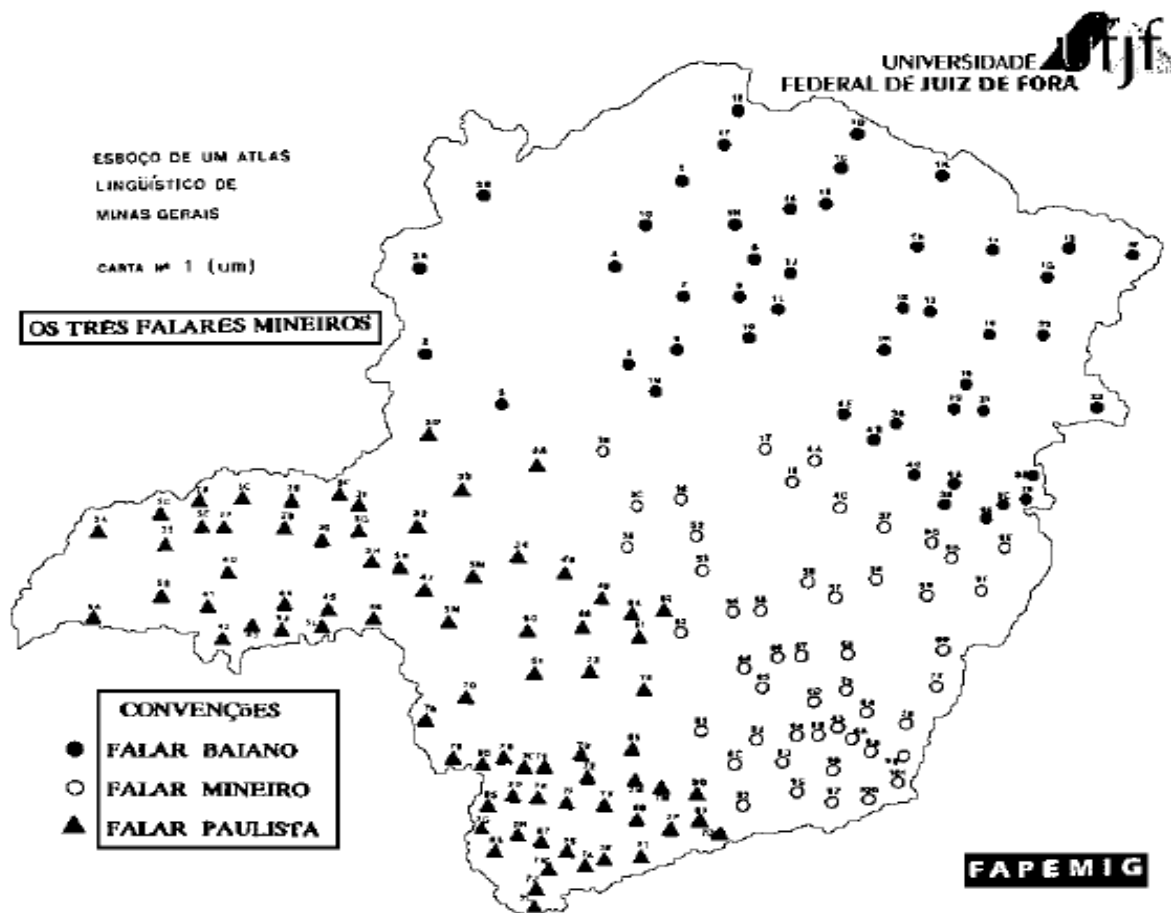


A realização do questionário, com 415 perguntas, enfocou-se nas “experiências diárias (tempo, moradia, alimentação, divertimentos, animais, topografia)” (RIBEIRO, et al., 1977, p. 25). Além disso, a elaboração das questões pautou-se nos pressupostos de estudos que antecederam o EALMG, como as contribuições de Nascentes (1958), de Silva Neto (1955) e das cartas do APFB (1963).

Segundo Romano (2013), a recolha do material seguiu um enfoque de estudos tradicionais, não abarcando as variações sociais e tendo o perfil do informante de 30- 50 anos, sendo analfabetos. Ademais, o autor pontua que a partir das recolhas foram possíveis elaborar 73 cartas linguísticas “[...] das quais 45 são onomasiológicas de caráter lexical e léxico-fonético e 28 cartas são de isófonas e de isoléxicas.” (ROMANO, 2013, p.209).

Zágari (2013) afirma que após as entrevistas realizadas nos pontos de inquérito estabelecidos pelos pesquisadores, observáveis foram as divisões de falares em Minas Gerais. Para o autor, “Minas Gerais apresenta acentos, fones, ritmos de fala e preferências lexicais distintas em, pelo menos, três de suas regiões, independentemente de seus estratos sociais.” (ZÁGARI, p.47 2013), dessa maneira, as constatações estabeleceram a divisão do estado em três falares: “falar baiano”, “falar paulista” e “falar mineiro”, cada qual com suas especificidades.

Figura 1: Divisão dos falares mineiros propostas por Zágari (1998)



Fonte: Fonte: Zágari (1998, p. 46).

Em síntese, Romano e Seabra (2017, p. 118), revisitando o trabalho de Zágari (2013 [1998; 2005]), descrevem a divisão de falares mineiros em: falar baiano, que se localiza no norte de Minas Gerais, que apresenta como característica o “abaixamento de vogais médias pretônicas”; falar paulista, que se localiza no sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro, “cujo traço fonético característico é a presença do /r/ retroflexo” e falar mineiro, que é “preso entre essas duas áreas que, não possuindo nenhuma das características enumeradas anteriormente, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros quando finais e antecidos de sibilante”. (ZÁGARI apud ROMANO; SEABRA, 2017, p. 118).

3 A Dialetoлогия e o ensino de Língua Portuguesa (LP) na escola básica

A relevância de se discutir sobre a heterogeneidade linguística, reconhecendo que a pluralidade de formas é o resultado das relações entre os falantes é um ponto essencial no âmbito educacional, como bem apontado pelos diversos estudos da Sociolinguística Educacional. Em contrapartida, reconhece-se neste trabalho a urgência de repensar as contribuições da Dialetoлогия enquanto relevantes para ampliar as discussões sobre as variações linguísticas nas salas de aulas, tendo em vistas os avanços dos estudos geolinguísticos no Brasil que corroboram para o conhecimento mais aprofundado sobre a realidade linguística do PB, sobretudo, diatópica. Assim sendo, elucida-se indispensável tocar em questões que demonstrem aos estudantes que o seu modo de falar carrega elementos que os caracterizam e trazem peculiaridades da comunidade linguística a que pertencem social e geograficamente.

Observa-se que, em 1999, Vieira já salientava a relevância de subsidiar o ensino de LP a partir de atlas linguísticos, reforçando a necessidade de “estimular nos cursos de Letras a realização de descrições das variantes faladas da língua portuguesa do maior número possível de localidades de seu estado.” (VIEIRA, 1999, p. 264). Para a autora, as descrições presentes nos atlas linguísticos possibilitariam com que os professores se conscientizassem sobre os diversos usos da língua em sociedade.

A partir desse ponto de vista, acredita-se que os registros presentes nos atlas linguísticos podem promover a minimização de preconceitos linguísticos e de estigmas negativos, bem como estereótipos que perpassam as variações regionais, como os preconceitos atribuídos às variedades rurais, já que as relações existentes nesses materiais não são determinadas isoladamente, mas condicionadas por fatores políticos, sociais e culturais (COSERIU, 1987, p. 79). Para que isso se efetive na escola, cabe ao professor (a) propor discussões referentes às diversas formas descritas nos atlas, sejam elas, de níveis fonéticos, níveis lexicais ou de níveis linguísticos (fônicos e morfológicos), propiciando com que o ensino da variação linguística seja realizado de forma democrática e emancipadora aos estudantes que não dominam a língua não padrão no seu ambiente social.

Torna-se de suma importância destacar as possíveis discussões e sistematizações necessárias aos docentes do ensino básico para alcançar que tais discussões se efetivem no ensino básico. A exemplo de ilustração cita-se explorar as cartas linguísticas lexicais do EALMG. A partir dessas cartas, cabe ao professor (a) elaborar materiais didáticos que promovem reflexões desses usos, salientando que as descrições lexicais presentes nas cartas foram resultados de pesquisas com informantes de diferentes regiões de MG, assim, demonstrando a pluralidade de variantes em determinada época; propor discussões a respeito de preconceitos linguísticos, como os preconceitos disseminados nas mídias sociais; produzir pesquisas com informantes de diferentes regiões e faixa etária, realizadas, juntamente, com os alunos, para que eles constatem as relações existentes entre a língua e seus falantes.

Cardoso (2010, p. 184), ao tecer reflexões sobre a variação linguística e o ensino formal de língua portuguesa aponta que “[...] mais do que criar formas privativas de ensino por região, o importante é levar os responsáveis pelo ensino- os que o planejam e os que executam, os programadores e os professores – à reflexão sobre as peculiaridades sociais e geográficas da língua [...]”. Assim, por meio de cartas linguísticas, espera-se com que os estudantes possam agir com consciência da diversidade da língua, sendo capaz de refletir nas diversas situações sociais das quais o preconceito linguístico é permeado, como por exemplo, em novelas que estigmatizam os falantes rurais. No entanto, não se desconsidera neste trabalho a relevância de os estudantes reconhecerem as formas prestigiadas, pois, reconhecem-se as diversas necessidades comunicativas que são impostas socialmente, “o aluno tem o direito de aprender um tipo muito importante de variante, falada e escrita, a da escola, aquela que é comum a todos os cidadãos, indispensáveis para o exercício da sua própria cidadania.” (VIEIRA, 1999, p. 266).

Considerar os estudos dialetais ao ensino demonstra-se importante dada à complexidade linguística do PB, a Dialetologia enquanto disciplina empírica e descritiva possibilita que os fatos estudados possam ser utilizados como recursos para subsidiar o ensino. Paim (2016) reforça a relevância que deve ser dada aos atlas linguísticos como contribuintes para repensar a heterogeneidade do PB no ensino de língua portuguesa, tendo em consideração que os atlas linguísticos apresentam “[...] as

diferenças e convergências que se registram no território nacional, relacionando áreas dialetais a áreas socioculturais e oferecendo um conjunto de dados linguísticos que venham a contribuir para o aperfeiçoamento do ensino do português.” (PAIM, 2016 P.78).

4 O EALMG na sala de aula: cartas linguísticas

Apresentam-se nesta seção encaminhamentos de propostas didáticas para o ensino de língua portuguesa, das turmas dos 6º anos, no Ensino Fundamental II, em consonância ao que apregoa a BNCC¹ no que tange às competências que cercam o ensino de língua portuguesa para os ensinos fundamentais, tais como “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (BNCC, 2017, p.89). Dessa maneira, as atividades² propostas visam à compreensão da multiplicidade linguística, centralizando-se, no fator extralinguístico, diatopia. Nessa proposta de sequência didática³ a ênfase dada se concentra em duas cartas que descrevem as variações linguísticas no nível lexical do EALMG, a carta 1: Arco Íris e a carta 30: Bolinha de Gude.

1ª etapa: Discussões preliminares sobre a variação diatópica:

Objetiva-se que nesta etapa inicial de atividades, com tempo previsto de 1 aula (50 minutos), os estudantes sejam apresentados a questões atinentes à variação da língua, para isso, visa-se a realização de uma atividade que pretende com que os alunos

¹ Base Nacional Comum Curricular é um documento, elaborado pelo Ministério da Educação (MEC), em 2017. A BNCC delimita as aprendizagens necessárias aos estudantes durante as etapas do ensino fundamental e médio do Brasil. As ênfases dadas às discussões dessa seção referem-se às discussões dos anos finais do ensino fundamental II.

² Propõe-se que os encaminhamentos didáticos deste artigo sejam realizados com as turmas finais do ensino fundamental II, sendo adaptáveis à realidade dos estudantes.

³ Para Dolz; Noverraz e Schnewly (2011) “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 2011, p. 82).



descrevam diferentes variantes de um referente. Além do mais, discute-se sobre a heterogeneidade linguística de Minas Gerais.

Dessa forma, espera-se que nesta aula, o (a) professor (a) instigue os estudantes com discussões prévias sobre a variação linguística de modo facilitado (salientando sobre a área da Dialetologia; explicando que as variações acontecem em todas as línguas; explanando a respeito do EALMG, ano de coleta de dados, perfil dos informantes, objetivos; e demonstrando que MG apresenta três falares, por exemplo), já que o aprofundamento sobre a temática deve ser esclarecido ao longo das aulas propostas.

No que tange as atividade 1 propostas nesta etapa da SD, visa-se com que os alunos destaquem as diferentes variantes que eles reconhecessem, elencando-as a fim de que o professor possa discutir sobre as variações regionais, salientando que as diversas variantes podem ser utilizadas em conformidade com a região de origem do falante, sua idade e sua profissão, por exemplo. Nesse viés, a atividade 2 deve ser utilizada para explanar como os condicionantes históricos e políticos determinam a divisão dialetal de MG, proposta por Zágari que reforça que “Minas apresenta são falares, isto é, realizações lingüísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma que outra definida escolha de um item lexical.”(ZÁGARI, 2013, p. 50). Assim, o autor pontua que a partir das investigações realizadas, Minas Gerais pode ser dividido em três falares: “ i) um falar baiano”; “ ii) um falar paulista” e “iii) um falar mineiro” .

Atividade 1: Você conhece?

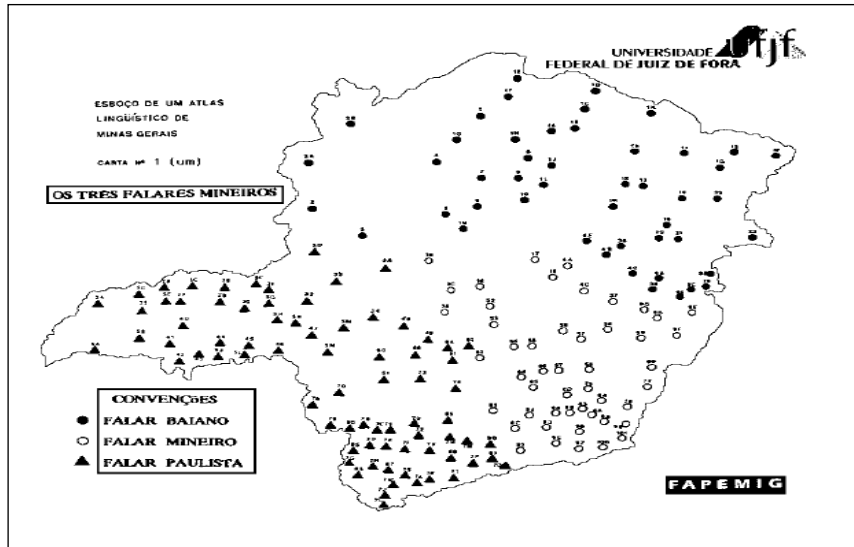
1. Estudante, você sabia que Pipa e Papagaio são dois nomes que podem ser atribuídos a um mesmo objeto? Essas palavras podem variar de acordo com sua região de origem. Além dessas palavras, você conhece outras palavras para nomear arco-íris e bolinha de gude? Ademais, anote outros objetos que apresentam mais de um nome. Siga a exemplificação.

Você conhece objetos que possuem mais de um nome (variante)?	
Papagaio	Pipa
Bolinha de gude	
Arco-Íris	

Fonte: Elaborada pela autora

Atividade 2: Os três falares

2. Observe o mapa disponibilizado pelo (a) professor (a), da divisão de falares de MG, e demarque, com lápis de cor, onde se encontram os três falares presentes no estado.



Fonte: Zágari (1998, p. 46).



Fonte: Mapa disponível em: <<http://geografia.hi7.co/mapa-de-minas-gerais-para-colorir-56c3cd4ba95ba.html>> Acesso em fev. 2020



2ª etapa: A relevância das cartas lexicais e suas diversas variantes:

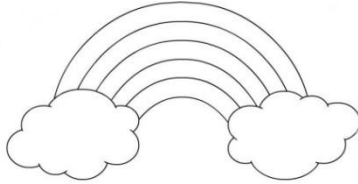
Objetiva-se que este módulo de atividades, com previsão de 2 aulas (50 minutos cada uma), colabore para a compreensão da heterogeneidade linguística em MG. Para atingir tal objetivo, utilizam-se as cartas linguísticas lexicais de Arco-Íris (carta 1) e de Bolinha de gude (carta 30), com intento de demonstrar aos professores (as) e aos alunos (as) a relevância das descrições presentes nesses materiais enquanto plausíveis para discutir sobre preconceitos linguísticos.

Em conformidade com o objetivo delimitado nesta 2ª etapa, deseja-se que o (a) professor (a) aprofunde as discussões sobre o EALMG (informações sobre a metodologia utilizada na pesquisa estão disponibilizadas na seção 2 deste artigo). No entanto, destaca-se que as atividades 1 e 2 se dedicam a apresentar as variantes de cartas lexicais, com intento de demonstrar aos estudantes as diferentes incidências das variantes no estado mineiro.

Torna-se de suma relevância que o discente discuta questões que se referem a preconceitos linguísticos, reforçando que “[...] as atitudes sociais —se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social. Não é casual, portanto, que se julgue “feia” a variedade dos falantes de origem rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas [...]. Em resumo: julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social.” (ALKIMIM, 2009, p. 44). A partir desse ponto de vista, incentive os alunos a elaborarem a atividade 3, questionando-os sobre a existência falares certos e de falares errados, salientando os impactos que julgamentos a respeito da fala de uma pessoa pode acarretar na vida dos indivíduos.

Atividade 1: Ligando os pontos

1. Estudante, ligue a imagem a sua palavra correspondente.



Fonte: Imagem disponível em:

<<https://br.pinterest.com/pin/656258976926898759/>> Acesso em mar. 2020.

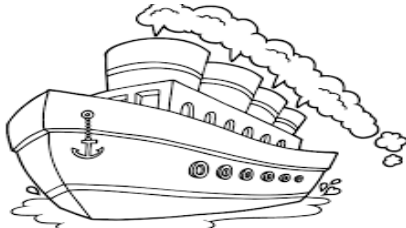
NAVIO



Fonte: Imagem disponível em:

<<https://colorir.org/cascao/cascao-jogando-bolinha-de-gude-com-cebolinha>>. Acesso em mar. 2020

ARCO-ÍRIS



Fonte: Imagem disponível em:

<<https://br.pinterest.com/pin/847099011141338137/>> Acesso em mar. 2020.

URSA



Fonte: Imagem disponível em:

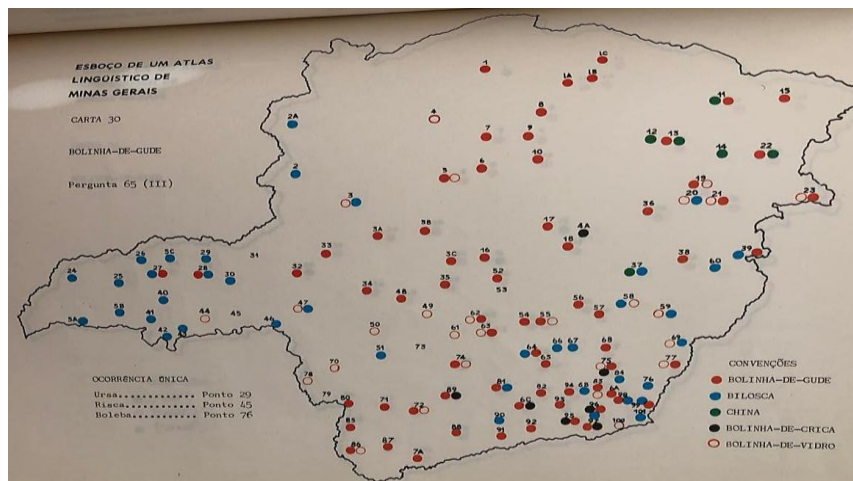
<<https://colorirdesenhos.com/desenhos/334-noddy-ursa-teresa>> Acesso em mar. 2020.

NAVIO

Atividade 2: Pesquisando

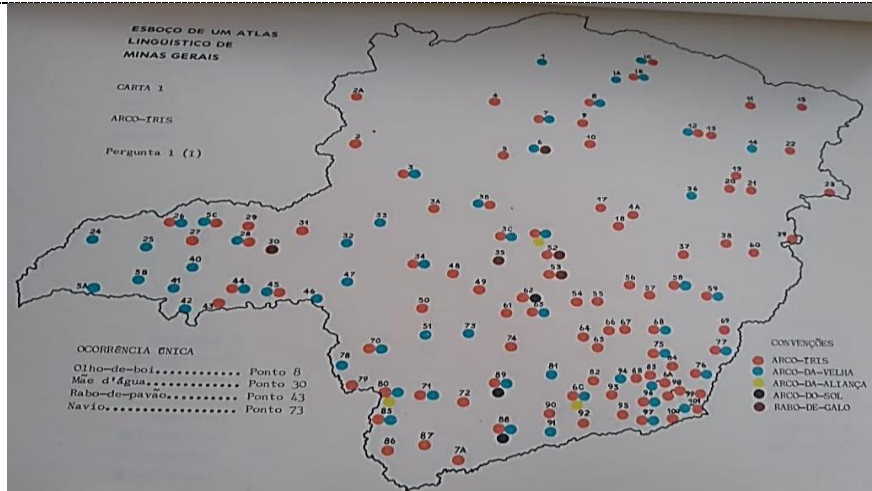
2. Estudante, pesquise nas cartas linguísticas lexicais abaixo as palavras que estavam listadas na atividade anterior (Bolinha de gude; Ursa; Navio e Arco Íris).

Figura 1 - Carta linguística 30 –EALMG: Bolinha de gude



Fonte: (RIBEIRO, et al., 1977).

Figura 2- Carta linguística 1–EALMG: Arco- Íris



Fonte: (RIBEIRO, et al., 1977).

Atividade 3: Pesquisando

3. Estudantes, consulte em dicionários as definições das variantes abaixo. Em seguida, discuta sobre os preconceitos linguísticos e como o conhecimento sobre as descrições presentes nas cartas lexicais podem minimizar atitudes negativas em relação à fala dos indivíduos.

ARCO-ÍRIS

NAVIO

Fonte: Elaborada pela autora.

Fonte: Elaborada pela autora.

BOLINHA DE GUDE

URSA

Fonte: Elaborada pela autora.



Fonte: Elaborada pela autora.

Discussões sobre preconceitos linguísticos:

3^a etapa: Pesquisando variantes com familiares e amigos:

Intenta-se que esta última etapa da SD, com previsão de 2 aulas (50 minutos cada uma), os discentes pesquisem onde o preconceito linguístico é disseminado. Assim, objetiva-se com que os alunos pesquisem em casa, com pessoas conhecidas sobre essa questão, questionando-as se elas acreditam que determinados falares subjazem a outros.

Ademais, nesta última etapa da SD, em pequenos grupos, os estudantes devem elaborar questionamentos capazes de minimizar esses preconceitos linguísticos. De acordo com o propósito deste módulo, o (a) professor (a), deve aconselhar os alunos a apresentarem as respostas obtidas na atividade 1 aos seus colegas. Já na realização da atividade 2, os estudantes podem expor uma sua atividade aos membros da escola.

Atividade 1: Investigando

1. Estudantes, nesta atividade vocês devem pesquisar sobre preconceitos linguísticos com as pessoas de sua convivência. Para isso, as questões abaixo podem auxiliar.

- a) Você sabe o que é preconceito linguístico? Existem falares mais bonitos do que outros?
- b) Qual a região do Brasil apresenta uma fala mais bonita? Justifique.
- c) Qual fala é a correta: a das pessoas da zona rural ou a fala das pessoas da zona urbana?

Atividade 2: Investigando

2. Estudante, após a pesquisa da atividade 1, você deve promover uma campanha com intuito de promover reflexões para minimizar preconceito linguístico. Lembre-se de utilizar as cartas lexicais para demonstrar como a sistematização dos estudos dialetológicos podem diminuir as atitudes negativas diante das falas dos indivíduos

Considerações finais

A proposta que segue este artigo, de incrementar os apontamentos de estudos dialetológicos, especialmente, o método da Geografia Linguística, se pauta na ênfase que deve ser dada às questões de variação da língua no ensino básico. Assim, demonstra-se a necessidade de elaborar atividades didáticas para o ensino fundamental sobre a temática da variação diatópica.

Ademais, com este trabalho, evidenciam-se as contribuições de atlas linguísticos enquanto contribuintes para discutir aspectos culturais e históricos que contemplam os falares do Brasil, especialmente, os falares mineiros, minimizando preconceitos linguísticos que perpassam a sociedade, assim, subsidiar o ensino de língua materna por



meio do EALMG (RIBEIRO, et al., 1977) viabiliza com que as descrições linguísticas desse material demonstre aos estudantes a variedade linguística do PB.

Dado o conjunto de dados e o estado da arte no que se refere aos atlas linguísticos já desenvolvidos no país, cabe salientar que os currículos de Letras devem se atentar a disciplinas como Dialetoлогия para que graduandos, futuros professores de LP tenham contato com esses materiais e possam de forma crítica e reflexiva transpor os resultados dos atlas para aulas da educação básica.

Referências

- ALKIMIM, T. M. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009, p. 23-50.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. – 4. ed.– São Paulo: Hucitec. /Brasília/, INL, 1920. Dialeto Caipira, Amadeu Amaral.
- BRANDÃO, S. de F. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- CARDOSO, S.A.M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987 (Coleção linguagem 16).
- DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 81- 108.
- FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.
- NASCENTES, A. **O linguajar Carioca em 1922**. Rio de Janeiro, Sussekind de Mendonça & Comp.,s.d.



_____. **Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa. MEC. 1958.

PAIM, M. M. T. Variação e ensino no atlas linguístico do Brasil. **Revista Línguas & Letras**, v. 17, p. 71-85, 2016.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, J. et al.. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977. v.1.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D. . Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis. **Revista de Estudos da Linguagem** , v. 25, p. 111-150, 2017.

ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos.** Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA NETO, S. da.. **Guia para estudos dialectológicos.** Florianópolis, 1955.

_____. **Guia para estudos dialectológicos.** Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: XXII CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE E PHILOGIE ROMANES, BRUXELLES, 1998. **Actes...** Bruxelles, 1998, p. 367-409.

TEIXEIRA, J. A. O falar mineiro. **Revista do Arquivo Público Municipal**, São Paulo, v. XLV, 1938.

VIEIRA, H. G. Importância do atlas linguístico para o ensino/ aprendizagem da escrita na escola. **Estudos Linguísticos.** São Paulo, v. 28, p.263-268. 1999.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas.** Londrina: EDUEL, 1998. p. 31-54.

_____. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer.** Londrina: EDUEL, 2005. p. 46-72

_____. Os falares mineiros: Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A.(Org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer.** [livro eletrônico] – Londrina: Eduel, 2013. P. 45-72

Recebido Para Publicação em 19 de abril de 2019.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.